

A ESCRITA NO ESPELHO: ORA DIREIS OUVIR ESTRELAS... – VELUDOSAS VOZES¹

Profa. Dra. Iduina Mont`Alverne Chaves²

Prof. Dr. Marcio Mori³

Resumo

O objetivo geral deste estudo é o de compreender as manifestações do mundo da escrita e suas reverberações no mundo acadêmico. Como objetivos específicos, temos: apresentar as habilidades de comunicação, relatar as considerações sobre a escrita, de acordo com renomados escritores, e mostrar o que contam os professores universitários sobre essa questão. Percebemos que ficaram em evidência os modos de sentir e de pensar em todo o discurso e, no espelho, estabeleceram-se diálogos contributivos para o viver nesse mundo, com seus gritos e silêncios, trazidos pelo escrever. Trata-se de um estudo bibliográfico e de campo, centrado no paradigma da complexidade.

Palavras-chave: Escrever; Complexidade; Palavra; Alma.

Abstract

The general objective of this study is to understand the manifestations of the world of writing and its reverberations in the academic world. As specific objectives, we have: to present communication skills, to report considerations about writing, according to renowned writers, and to show what university professors tell about this issue. We noticed that the ways of feeling and thinking in the whole discourse were in evidence and, in the mirror, dialogues were established that contributed to living in this world, with their screams and silences, brought by writing. It is a bibliographic and field study, centered on the paradigm of complexity.

KEY WORDS: Writing; Complexity; Word; Soul.

¹ No título, uma singela homenagem a Bilac e a Cruz e Souza, poetas que sempre derramaram no canto uma sucessão de imagens.

² Professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF). Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Doutorado Sanduíche na Universidade de Illinois, USA. Pós-graduação em Educação pela Universidade de Oxford, Inglaterra. Líder do Grupo de Pesquisa Cultura, Imaginário, Memória, Narrativa e Educação (CIMNE/UFF/CNPq. E-Mail: iduina60@gmail.com
ORCID <https://orcid.org/0000.0003-4732-8436>

³ Prof. Dr. Marcio Mori , Professor de Comunicação e Expressão, Oficina de Leitura, Interpretação e Redação Cinematográfica na UNICARIOCA. Professor-Tutor de Português Instrumental à Distância do CEDERJ-UNIRIO. Doutor em Educação na Universidade Federal Fluminense (UFF). Pesquisador Colaborador do Grupo de Pesquisa Cultura, Imaginário, Memória, Narrativa e Educação (CIMNE/UFF/CNPq. E-mail: portuguesinstrumental@gmail.com.

Orcid <https://orcid.org/0000-0001-5133-747x>

Introdução

A escrita no espelho

Para escrever, eu antes me despojo das palavras. [...] A vida real só é atingida pelo que há de sonho na vida real. [...] A imaginação antecede a realidade (LISPECTOR, 2013, p. 27).

Segundo Chevalier e Gheerbrant (2010, p. 394-396), o espelho é, frequentemente, um símbolo solar; no entanto, é – ao mesmo tempo – um símbolo lunar, “no sentido em que a Lua, como um espelho, reflete a luz do Sol”, e acrescentam:

o espelho não tem como única função refletir uma imagem; tornando-se a alma um espelho perfeito, ela participa da imagem e, com essa participação, passa por uma transformação. Existe, portanto, uma configuração entre o sujeito contemplado e o espelho que o contempla. A alma termina por participar da própria beleza à qual ela se abre.

Martin (2012, p. 590) ressalta que o espelho conduz a imaginação para as suas profundezas e para a sensação de que, por trás da imagem especular, há algo que poderá ser visto de maneira inteiramente diferente, lembrando a história de Lewis Carrol, em que tudo ocorre do outro lado do espelho. Essa autora⁴ salienta que Schopenhauer comparava o intelecto humano a um espelho e

no seu aspecto mágico, o espelho é uma ferramenta de impostor, um utensílio de ilusão, fazendo-nos frequentemente parecer mais, ou menos, do que aquilo que somos. Mas o espelho como símbolo da nossa capacidade para refletir é igualmente um instrumento de salvação. No mito de Perseu, é apenas olhando para a imagem refletida do que é perigoso absorver diretamente que o herói consegue matar a Medusa de cabeça coberta de cobras.

Para Cirlot (1984, p. 239), o espelho é um símbolo da imaginação – ou da consciência – “como capacitada a reproduzir os reflexos do mundo visível em sua realidade formal”. Esse autor afirma⁵ que o espelho foi relacionado ao pensamento, “enquanto este – segundo Scheller e outros filósofos – é o órgão de autocontemplação e reflexo do universo”, o que liga o seu simbolismo ao da

⁴ *op. cit.*, p. 590.

⁵ *op. cit.*, p. 239.

água que reflete e ao mito de Narciso. Esse autor⁶ destaca que, entre os primitivos, é “símbolo da multiplicidade da alma, de sua mobilidade e adaptação” e aparece, às vezes, “como porta pela qual a alma pode dissociar-se e passar para o outro lado”.

Essas três considerações a respeito da palavra ‘espelho’, cuja origem é latina, “*speculum*”, leva-nos a pensar que escrever espelha a alma, (re)velando sentimentos, conduzindo-a à participação do existir-no-mundo, além de aguçar a imaginação e trazer a ideia de que, através do espelho, há um portal a ser atravessado: solar ou lunar. E, também pelo fato de esse simbolismo da alma estar ligado à água – trazendo das profundezas à superfície as seguintes palavras: fluidez, purificação, emoção, intuição, multiplicidade, mobilidade, adaptação, entre outras. Palavras que evocam o *si-mesmo* e que levam o sujeito a mergulhar no aquífero semântico da imaginação, da criatividade.

Já para Bachelard (2013, p. 24), “é preciso compreender a utilidade psicológica do espelho das águas: a água serve para naturalizar a nossa imagem, para devolver um pouco de inocência e de naturalidade ao orgulho de nossa contemplação íntima”. Ainda de acordo com esse autor⁷, “o espelho aprisiona em si um segundo mundo que lhe escapa, no qual ele se vê sem poder se tocar e que está separado dele por uma falsa distância, que pode diminuir, mas não pode transpor”, e mais, traz-nos a afirmação de que seria necessário um livro inteiro para desenvolver essa psicologia do espelho.

Assunto complexo, como o próprio viver, a palavra “*speculum*” nos convida a entrar num vasto mundo, em que deslizamos suavemente entre a capacidade de refletir e a mobilidade, navegamos nos mares da razão e da emoção, fluidamente, intuitivamente, usando o pensar e o sentir até como um instrumento de salvação.

Assim, antes de abordamos o tema “a escrita no espelho”, o escrever, necessário se faz aludir às habilidades de comunicação, como falar, ouvir e ler, haja vista que essas habilidades precedem o ato da escrita.

O prosaico e o poético – o falar e o ouvir, o pensar e o sentir – ouvir estrelas

⁶ *op. cit.*, p. 239.

⁷ *op. cit.*, p. 24.

O que é prosa? O que é poesia? Quais os seus não limites. E como poetas e prosadores se saem disto? Ainda agora [...], descubro que a etimologia de “verso” está ligada a “voltar” e a etimologia de “prosa” está ligada a “dirigir-se para frente”. Isso não esgota o assunto, mas explica como os racionalistas da prosa pretendem caminhar em linha reta, enquanto a irracionalidade poética descreve elipses (Sant’Anna, 2006, p. 89).

Inicialmente, abordamos o falar e o ouvir – sempre intrincados; posteriormente, o ler e o escrever – arenas nas quais ficaremos centrados. Vale lembrar que para adentrar no mundo da escrita, é preciso, primeiramente, destacar as habilidades de comunicação.

É mister clarificar, primeiramente, que, para se constituir, o sujeito precisa estabelecer relações que o insiram em contextos socioculturais. Essas relações se estabelecem no âmbito sociocultural por meio do diálogo, cujo instrumento é a linguagem. O diálogo ao qual nos referimos deverá ser tecido por uma palavra dialógica, que “comporta a ideia de que os antagonismos podem ser estimuladores ou reguladores”(Morin, 1998, p. 33).

Nesse sentido, deve prevalecer a intenção de um voltar-se para o outro (Buber, 2003). É quando se realiza esse “voltar-se para o outro” que o sujeito se introduz na existência. Em outras palavras, na visão buberiana, a única forma de o homem se tornar “EU” ocorre quando ele estabelece uma relação com o “TU”. “EU-TU” traduz uma experiência relacional responsável pela existência humana, posto que é nela que o “EU” se realiza: “o EU se realiza na relação com o TU; é tornando EU que digo TU. Toda vida atual é encontro⁸”.

Esse encontro torna-se possível com o desenvolvimento de habilidades comunicativas, como o ouvir e o falar.

Ouvir é um ato voluntário. Não pode ser ordenado, por ser um processo mental, e é fundamental para o estabelecimento de relações interpessoais (Mori, 2009).

Relações que se realizam quando emissor e receptor assumem posturas positivas, ou seja, quando assumem comportamentos que os tornam ouvintes. Em outras palavras, quando assumem comportamentos que permitem o contato psicológico, ou seja, o encontro do EU com o TU⁹.

⁸ op. cit., p. 22.

⁹ op. cit.

Para Rogers (1977, p. 223), quando se ouve alguém, verdadeiramente, e se apreende o que mais importa a essa pessoa, ouvindo não apenas as palavras, mas a ela mesma, e fazendo-a saber que foram ouvidos os seus significados pessoais privados, surge um sentimento de gratidão, e a pessoa se sente liberta. Na visão rogeriana, nesse momento, vivenciando esse novo senso de liberdade, em que prevalece o viver em estado de poesia, “a pessoa pode se tornar mais acessível ao processo de mudança¹⁰”, o que traz consequências.

É... Ouvir carrega realmente consigo consequências: sentimentos de gratidão, liberdade e o fato de promover um possível e rápido acesso ao processo de mudança. Mudança que pode conduzir o sujeito a uma vida harmônica. E estar em harmonia é transitar pelo poético e o prosaico. Mas o que vem a ser esse “poético e prosaico”?

Morin (1998, p. 22) afirma que é preciso reconhecer que o sujeito, inserto em qualquer cultura, produz duas linguagens a partir de sua língua. Uma, racional, empírica, prática, técnica, tendendo a precisar, denotar, definir, apoiada sobre a lógica. Outra, simbólica, mágica, mítica, utilizando-se da conotação, da analogia, da metáfora, ensaiando “traduzir a verdade da subjetividade¹¹”. A cada uma dessas linguagens, que podem ser justapostas ou misturadas, separadas ou opostas, correspondem dois estados: o prosaico e o poético. Viver em estado prosaico significa responder às vicissitudes da vida diária, percebendo o mundo que nos cerca e raciocinando, na busca incessante de um agir melhor. Viver em estado poético significa viver em um “estado segundo”, em estado de vidência, que nos transporta “através da loucura e da sabedoria e para além delas” e conclui que “poesia-prosa constituem o tecido de nossa vida¹²”.

No que tange a esses estados, ao poético e ao prosaico, Morin (2012, p. 101) afirma que são:

linguagens e traduz assim a complexidade racional/afetiva do ser humano. Quando se pretende sobretudo o racional, o discurso desenvolve-se sob um forte controle empírico e lógico, tende a reduzir seus elementos analógicos a comparações, seus elementos simbólicos a signos ou convenções. Quando se pretende prático, o discurso deixa-se levar pela música das

¹⁰ op. cit., p. 223.

¹¹ op. cit., p. 22.

¹² op. cit., p. 23.

palavras, pelas assonâncias, pelas imagens; entretanto, não exclui, de modo algum, o controle.

Na visão desse autor¹³, as nossas vidas estão polarizadas entre a poesia e a prosa: no estado prosaico predomina a disjunção entre o real e o imaginário, havendo uma convencionalização das palavras, uma irrealização das imagens; enfim, é denotativo, em que há um forte controle empírico do exterior e há um pan-objetivismo – nesse estado, o prosaico tem função utilitária; ao contrário, no estado poético, criador, que proporciona a emoção estética, predomina a conjunção entre o real e o imaginário, é conotativo, havendo um forte controle do vivido interior; enfim, nesse estado há um pansubjetivismo (Morin, 2012 apud Marques; Chaves, 2024).

Nesse cenário, em uma crônica intitulada ‘*Crianças escondidas*’, Agualusa (2023 apud Marques; Chaves, 2024, p. 24) apresenta um diálogo com sua filha, no qual a criança responde a uma pergunta do pai:

– E o que é poesia? – atrevi-me a perguntar.
Kianda não hesitou na resposta:
– É como torcer as palavras, mas para o lado certo. Você torce as palavras até que elas cantem.

No estado poético, há essa musicalidade das palavras, música interior, cujos sons reverberam em emoção estética, trazendo à tona o pansubjetivismo. E para perceber o entrelaçamento desse tecido que perpassa o nosso existir-no-mundo é preciso ouvir.

Assim, remetemo-nos a Bilac, o mais espontâneo poeta brasileiro, que percebeu a magia desse entrelaçar e a traduziu num dos mais belos sonetos da língua portuguesa. Transcrevemos o último terceto para que possa ser apreciado e sentido.

E eu vos direi: “Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas.”

Apossamo-nos desses versos no intuito de dialogar com o poeta. Esse “amai para entendê-las”, segundo Chardin (2001, p. 297), representa uma

¹³ *op. cit.*, p. 63.

propriedade geral de toda vida existente e, como tal, “molda-se, em variedades e graus, a todas as formas que toma sucessivamente a matéria organizada”, pois trata da afinidade do ser com o ser.

Portanto, “*amai para entendê-las*”, a nosso ver, expressa-se por lançar “esse comboio de cordas” – o coração, cantado em versos por Fernando Pessoa¹⁴ – para além do alcance, no tentame de vivenciar o gosto irresistível de rumar para a Unidade, para o todo, cumprindo, assim, essa propriedade geral de toda vida.

E quem desenvolve essa habilidade natural dos seres – amar – pode ter ouvido capaz. Compreendemos por “ouvido capaz” aquele que ultrapassa o fisiológico, aquele que adentra o mental, ou seja, o psicológico, realizando, assim, uma passagem.

E para realizar essa passagem é imperioso aprender a ouvir. Ouvir constitui um aspecto crítico da comunicação. Alves (1999, p. 33) afirma que nossa incapacidade de ouvir “é a manifestação mais constante e sutil de nossa arrogância e vaidade: no fundo somos os mais bonitos...”. Será? É preciso, aqui, parar e refletir. Por quê? Simplesmente porque para desenvolver habilidades para se tornar um ouvinte é preciso se alimentar de silêncio. De acordo com esse autor¹⁵, “não basta o silêncio de fora. É preciso o silêncio de dentro. Ausência de pensamentos. E aí, quando se faz o silêncio de dentro, começamos a ouvir coisas que até então não ouvíamos”. Até estrelas...

Ainda de acordo com esse autor¹⁶, quando não há o silêncio em nossa alma, surge a grande dificuldade: não aguentamos ouvir o que o outro diz sem logo lhe dar uma sugestão melhor, misturando o que ele diz com aquilo que a gente tem a dizer. Ora, assim, não se ouvem **estrelas**. E, também, nega-se a possibilidade do diálogo, imprescindível para o estabelecimento de relações interpessoais, as quais funcionam como sustentáculo do nosso existir-no-mundo (MORI, 2009).

A arena mental – ler

¹⁴ Fernando Pessoa em “Autopsicografia”. PESSOA, F. *Antologia Poética*. (org. Cleonice Beradinelli). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2016. p. 60.

¹⁵ *op. cit.*, p. 97.

¹⁶ *op. cit.*, p. 97.

Para Hustvedt (2011), é somente por meio da leitura que conseguimos nos aproximar do acesso à mente de outrem. Essa autora¹⁷ afirma que o texto:

é a arena mental em que diversos estilos de pensamento, rígidos ou suaves, e as ideias geradas por eles, se tornam mais evidentes. Temos acesso ao narrador interno de um desconhecido. Ler, afinal de contas é uma forma de viver dentro das palavras alheias. A voz do outro se transforma no meu narrador durante a leitura.

E é nessa arena mental que encontramos e elaboramos o significado, que nunca se completa, pois sempre restam as lacunas¹⁸. E tentar impor ordem e significado simbólicos ao mundo, como nos alerta Huxley (1992, p. 181), é perigoso, uma vez que, antecipadamente, devemos compreender como esse mundo é; no entanto, “sempre faremos isso, porque é muito difícil para os seres humanos tolerarem o mistério como tal [...], pois uma das funções da linguagem é ser um instrumento para tirar o mistério dos mistérios”. E a leitura atira-nos para essa arena em que o mistério está presente. E os significados percebidos serão somente aqueles que fazem parte do nosso pensar, que não é a totalidade de pensares. Assim, adentramos no labirinto da leitura, rastreando os fios deixados pela princesa de Creta – ou por “Ariadnes”, pensamos.

Nesse cenário, uma afirmação sobre a leitura é pertinente. De acordo com Alves (2001, p. 49), ler pode ou não ser uma fonte de alegria. Esse autor salienta¹⁹ que os livros são iguais à comida e, para provar tal afirmação, compara os pratos refinados e os não refinados aos livros, argumentando que, se o alimento não for bom, causará mal-estar ao corpo e à alma. Da mesma forma, complementa²⁰, se o livro não for bom, causará sensações semelhantes às provocadas por tal alimento. E conclui que ler é uma virtude gastronômica, pois demanda uma educação da sensibilidade, sugerindo que o leitor cuidadoso deve provar um pouco do livro antes de lê-lo, assim como o *chef* de cozinha prova o alimento antes de servi-lo²¹.

Provar os livros, saboreá-los, é fundamental. A leitura enriquece o imaginário, tornando-o rico, numa época em que somos bombardeados por imagens não significativas, empobrecidas, racionais em demasia. A leitura nos

¹⁷ *op. cit.*, p. 138.

¹⁸ *op. cit.*, p. 123.

¹⁹ *op. cit.*, p. 49.

²⁰

²¹ *op. cit.*, p. 49.

faz acolher e colher e semear. É um momento de estar-com. É no acolhimento que “descobrimos o mundo da humanidade interior, ou seja, o mundo de nossas subjetividades, e também o mundo da humanidade exterior, o das outras mentalidades e culturas” (Morin, 2017, p. 103).

Acolher é estender os braços – fios condutores de energia –, é participar com o participante, é aprender com o aprendiz, é exercitar a tolerância, é aceitar a diferença, é expulsar a linearidade do pensamento. É um abre-te-sésamo “que descortina os pontos de vista de outras pessoas, as visões de mundo filtradas pela mente singular de cada indivíduo” (Tokarczuk, 2024, p. 26).

Sant’Anna (2006, p. 229), em suas crônicas, apresenta-nos o romance *Balzac e a costureirinha chinesa*, de Dai Sijie e tece um valioso comentário, informando que:

[...] conta a história de pessoas que, num campo de reeducação ideológica, no tempo de Mao, descobrem numa caixa obras de Balzac e, fascinadas, começam a ler e a viver imaginariamente naquele outro mundo interdito pela ditadura comunista. É a comovente descrição de mentes se libertando com a leitura.

É... O ouvir e a leitura trazem mudanças e se constituem como a salvação para as intempéries do existir e liberdade para o pensar.

A arena mental – escrever

[...] Mas a escrita exige solidões e desertos
E coisas que se veem como quem vê outra coisa [...]
O branco do papel as aranhas da escrita
E a luz da vela – como certos quadros –
Tornado tudo atento (Andresen, 2018, p. 804).

Mestra na arte da auto-organização das palavras que se apresentam em desordem, perdidas na turbulência do bater das ondas no cais dos mares do pensamento, Clarice Lispector (*apud* Borelli, 1981, p. 67), no branco do papel em que as aranhas da escrita sem movem, afirma que não sabe por que escreve: “*a gente escreve como quem ama, ninguém sabe por que ama, ninguém sabe por que escreve*”. Entretanto, a seguir, para alívio de quem lê, desabafa²²: “*escrever é um ato solitário de um modo diferente de solidão*”. No pensar dessa escritora, “*escrever é lidar com a absoluta desconfiança. Escrevo*

²² *op. cit.*, p. 67

como se somam três Algarismos. A matemática da existência. O que escrevo é simples como um voo. Um voo vertiginoso²³”.

Mas de onde vem esse “lidar com a desconfiança”? A resposta, talvez, resida no fato de buscar nas entranhas da língua a palavra adequada, aquela que não precisa do esclarecimento, que não pode ser traduzida (traída) e que deixe quem está a escrever e a pensar (se o que está escrito corresponde ao pensamento) em estado de imobilidade, de lentidão – como um pintor com uma paleta e pincel nas mãos, buscando a cor da tinta para compor o tom ideal no jogo de luz e sombras. E a matemática da existência? Seria uma relação triádica entre a palavra, a não palavra e o escritor? Entre o narrador, a personagem e o autor? Nas palavras dessa escritora²⁴, “a criação não é uma compreensão, é um novo mistério”. A matemática da existência é um mistério. Um mistério que não permite a realização de uma prova dos nove. Escrever é um mistério.

E, nessa árdua e misteriosa tarefa, seria também uma das formas de o sujeito se manifestar como educado: educado para a vida, educado para o mundo (Mori, 2009). Pode-se afirmar também que é uma das formas de o sujeito conhecer as esferas que existem entre o seu ser e sua alma, escondidinha entre tênues camadas e camadas e camadas ... (E nesse conhecer, gotas de angústia podem ser espalhadas: agonia lenta.)

Cabe lembrar que, para minimizar a agonia, em “Água viva”, Lispector (1988, p. 20), libera um *tsunami* com algumas palavras:

escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não palavra – a entrelinha – morde a isca, alguma coisa se escreveu. Uma vez que se pescou a entrelinha, poder-se-ia com alívio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia: a não palavra, ao morder a isca, incorporou-a”.

E finaliza com a seguinte frase: “o que salva, então, é escrever distraidamente²⁵”. Escrever distraidamente. Entretanto, no auge da emoção, de braços dados com a entrelinha incorporada à palavra, quando se está

²³ *op. cit.*, p. 67.

²⁴ *op. cit.*, p. 67.

²⁵ *op. cit.*, p. 20.

banhado por uma chuva leve de razão, distraidamente, abstraidamente, surge o desejo de copular com o mistério. Fazer amor com as palavras – entrelaçar-se com o poético. O sentir e o racional se entrelaçando, em contorções inimagináveis... Aí, algo se escreveu, algo se narrou. Para tal, o escritor deve trabalhar a si próprio primeiramente, vasculhar as camadas, as esferas da própria alma, conhecer-se, para depois brincar com a língua, distraidamente, deixando lambidas da sua existência, do mundo e do outro deslizarem suavemente na fantasmagórica folha de papel em branco.

Escrever vai além: toca a alma: a alma do outro, a alma do mundo, a própria alma de quem escreve. É necessário conhecer os mistérios das palavras e é preciso amá-las, numa encantação que trafegue, vagorosamente, a colear entre quem escreve e o leitor. É um estado. Escrever transita e, nesse transitar, sobrevive, conduz, finca raízes e traz à tona o pensar do escritor, do outro que, mobilizado, entra em estado de flexões dentro de si, além de carregar consigo os milênios que habitam os seres. Reflexões: flexionar dentro num vaivém constante que vai ao encontro de respostas ou de outros questionamentos.

Nessas flexões, não há neutralidade, tampouco passividade, pois o ato de escrever, narrar, provoca. Provoca questionamentos e, por isso, incita a busca. A busca pelo desnudamento. E, nessa diligência, possíveis respostas num constante jogo de linguagem.

Linguagem que, no pensar de Skliar (2014) é desobediente. Para esse autor²⁶, “a linguagem desobedece ao sentir que as palavras caem, pisoteiam-se e se derrubam. Ao perceber o encobrimento do passado na glória vã do futuro, nesse costume insano de enterrar o vivido, no ato ignóbil de destruir o pensado”.

É nesse “*allea jacta est*” que reside o escrever: coleando entre o acaso e a fatalidade, entre o já-pensado – prestes a ser enterrado – e o pensar, entre o dito e o não dito, beirando o interdito, porque original, porque permite pescar entrelinhas nos oceanos desconhecidos da memória, nas esferas do tempo.

Lispector (2010, 93) afirma que escrever é uma maldição, no entanto, destaca que “é uma maldição que salva a alma presa, [...] Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador”.

²⁶ *op. cit.*, p. 16.

Nesse quadro confessional, em que é afirmado que escrever é uma maldição que salva a alma presa, recorremos às declarações de Pinõn (2019, p.67): com a “escrita, tornaram-se valiosas as confidências humanas. E ampliou-se o horizonte verbal, estabelecendo-se correspondência entre o afetivo, o conceitual e as palavras, a fim de verbos e sentimentos não extraviarem de suas representações”. E complementa²⁷ com a afirmação de que “a escrita abraça o drama e o que a máscara resguarda. Assegura o papel de desvendar o real, de subvertê-lo ao longo da narração. Não lhe sendo lícito esquivar-se do que equivale à trama”.

Tokarczuk (2023, p.181) salienta que, para ela, “a escrita é, na essência, uma raspagem que descubro com paciência, pedaço por pedaço. Debaixo há um padrão inteiro, uma totalidade que exige ser revelada por completo”. Assim, a seguir, afirma ser chegada a hora de evocar uma de suas metáforas prediletas da escrita – a cristalização – que, segundo a escritora²⁸, “é um processo misterioso que ocorre em um líquido saturado de partículas que circulam livremente. [...] O cristal é uma estrutura muito engenhosa, mas também superorganizada que surge de modo natural e, digamos, sem esforço, em torno do eixo de cristalização”. Conclui²⁹ que, no caso da escritura, essa cristalização se realiza, “cada partícula livre e insubordinada é atraída pela ordem cristalina, de modo que cada imagem, palavra e metáfora tendem à ordem narrativa”.

Nessa esfera de opiniões, encontramos informações em Orwell (2022, p. 11-12), na obra intitulada “*Por que escrevo: e outros ensaios sobre literatura*”, as seguintes considerações sobre a escrita, que variam conforme o tempo e a circunstância, a saber: por puro egoísmo, por entusiasmo estético, pelo impulso histórico, por razões políticas. No que se refere ao puro egoísmo, é provável que a vaidade tenha o seu império, uma vez que as pessoas gostam de ser lembradas, o que é uma característica do humano. Quanto ao entusiasmo, que contém o radical grego “*Theo*” (Deus) –, porque deve estar repleta do deus interior, isto é, está animado, com ‘anima’ – alma –, unido à palavra estético/estética, trata-se da iniciação para transitar entre o poético e o prosaico e, certamente, poderá experimentar um estado estético no fazer. No que tange

²⁷ *op. cit.*, p. 67

²⁸ *op. cit.*, p. 182.

²⁹ *op. cit.*, p. 182.

ao impulso histórico, que concerne em mostrar os fatos como realmente são, para que não desvançam, é preciso lançar olhares e registrá-los para que, futuramente, possam contribuir para a escritura, na certeza de que unir o pensar e o sentir trarão resultados positivos. No que se refere ao propósito político, além de outras dimensões que compõem o humano, reside o fato de “um desejo de impelir o mundo em certa direção ou mostrar aos outros a ideia de uma espécie da sociedade que se desejaria almejar ou, pelo contrário, evitar”, o que é essencialmente é político³⁰.

Na visão de Duras (1994, p. 26), no que tange à escrita, “escrever é também não falar. É se calar. É berrar sem fazer barulho”. Escrever é, então, silêncio da alma – e, nesse silenciar, uma explosão surda de palavras, dispersas numa folha em branco, concatenadas, (re)velam as tintas da alma de quem as desenhou. Para essa autora³¹, “a escrita vem como o vento, nua, é de tinta, a escrita, e passa como nada mais passa na vida, nada, exceto ela, a vida”.

Considerações sobre o que contam os professores universitários sobre a escrita

Ai, palavras, ai palavras,
Que estranha potência, a vossa!
Ai, palavras, ai, palavras,
sois de vento, ides no vento,
no vento que não retorna [...]
(Meirelles, 2017, p. 864)
Aprender a viver passa pela #palavra.
(Montero, 2019, p. 182).

Sedutora, a palavra (*epós*) enlaça o ouvinte na sonoridade das imagens. Palavra que, associada ao vocábulo *mython*, faz do mito um re-lato em que o distante deverá ser trazido para a proximidade. [...]

Do prefixo *re-*, noção de repetição, e do radical supino do verbo *ferre, latu* – trazer, re-latar é trazer o distante para a presença: Re-lato vivo, o mito pre-senta (*prae-sensi*) a mensagem do secreto, colocando-o próximo do ouvinte (Bohadaba, 1992, p. 57).

³⁰ *op. cit.*, p. 26.

³¹ *op. cit.*, p. 48.

Para iniciar esses relatos, *ai, palavras, ai, palavras*, primeiramente, trazemos um condutor. Um condutor, criador das palavras, para derramar nas linhas que se seguem os relatos. Trata-se de Hermes – o condutor de almas.

O deus Hermes é o protetor dos tradutores, “é deus da síntese, da associação de assuntos remotos, da inteligência e do proveito. É um deus com senso, deus com a inclinação para a mentira e o engano. É ele que indica os trilhos, ensina a ler os mapas, deixa atravessar fronteiras”, segundo Tokarczuk (2023, p. 67-68). Hermes é o inventor das palavras (*ai, palavras*), da escrita e dicionários, dos algarismos, da astronomia, da música e da lira, possuidor do título de hermeneuta, intérprete³².

Segundo Vernant (1990, p. 191), em Hermes nada é fixo, estável, permanente, haja vista que ele representa o movimento, a passagem, a mudança de estado. Vale ressaltar que, quando há uma interrupção numa conversa e um silêncio se faz presente, o grego diz: ‘*Hermes passa*’. Importante destacar que esse condutor de almas, após ser advertido por Zeus e considerado eloquente, engenhoso e persuasivo pelo Senhor do Olimpo, foi agraciado por este com um “báculo de mensageiro com laços brancos para impor respeito, um chapéu redondo para protegê-lo da chuva e sandálias aladas douradas, que o transportariam com a velocidade do vento (Graves, 2018, p.106); entretanto, para conseguir isso teve que prometer que não mais contaria mentiras – e não se comprometeu também em dizer a verdade absoluta.

Tokarczuk (2023, p. 91) salienta que “há quem diga” que Hermes teve três filhos: Pã, o mais velho, Hermafrodito, o filho do meio, e Literatura, a filha caçula. Essa autora³³ nos traz uma interessante versão do mito, informando que Hermes inventou a literatura quando mentiu ao seu irmão Apolo sobre o roubo de cinquenta vacas e, ao enfrentar o julgamento de Zeus, em vez de assumir a culpa, inventou uma versão do acontecimento. Interessante também é o fato de a premiada escritora de romances³⁴ não apreciar a palavra mentira e substituí-la por ‘*confabulação*’, assim “recorrendo à confabulação em vez de mentira, podemos ver Hermes de um modo um pouco mais positivo”. E assim é que também vemos Hermes.

³² *op. cit.*, p. 68.

³³ *op. cit.*, p. 89.

³⁴ *op. cit.*, p. 90.

Para clarificar, recorremos a Kast (2023, p. 56) que apresenta uma importante informação sobre outro mito, o mito de Sísifo: na antiguidade grega, uma pedra bruta simbolizava Hermes ou Apolo. E após fornecer esse dado, afirma que, se a pedra for de Hermes, o tema do mito do “rolar a pedra” passaria a ser a criatividade e a transformação, o que é lunar, haja vista que se trata de um deus que vigia as portas e as entradas e é dotado do dom da invenção. Se fosse Apolo, acrescenta³⁵, poderia ser para a cura, para o castigo, para o arrependimento, da medida correta, da ordem, o que é solar. Finaliza³⁶ esse discurso com a afirmação de que acredita que “um homem não carrega simplesmente um peso, mas que, na época grega, esse peso também era uma tarefa relacionada ao fato de carregar um deus, portanto, um esforço que contribui para a ruptura de algo divino nele” e também de que, em uma outra interpretação, o sentido pode não estar no término da tarefa; entretanto, “nas experiências tidas no caminho tantas vezes percorridos com essa pedras”.

Nesse contexto, trazemos à cena o professor. O professor é um educador dos sentidos, da formação e trans(formação), é um condutor, é um hermeneuta. Assim, solicitamos para que professores de diversos cursos universitários nos informassem suas considerações sobre o ato de escrever, evidenciando o significado desse ato.

IC relatou-nos que:

Escrever. Ah! Escrever... Penso e sinto assim. E ... num estalo as palavras-imagens me capturam. Puro mistério. Culto secreto. Escrever é dar-se. É uma entrega da alma. É feita de sonhos, de fantasias, de imaginação. De experiências de vida. De memórias ... do fundo do baú da nossa intimidade. É falar, contar de si. É o canto da alma. Que canta a vida. Que canta saudade, a alegria, a tristeza, as vitórias, as derrotas, as lutas. Que canta o amor, em todas as suas nuances. Tal qual o melodioso canto do sabiá símbolo da alegria, da espiritualidade. Da esperança. Está intimamente ligado ao ler. Ao ler muito. Contos, Poesia, literatura, romance, ciência. Assistir a filmes. Ir ao teatro. Viver a arte em todas as suas nuances. É entoar o canto da alma em palavras. Repertório da alma mundi. Escrever é pensamento e sentimento em constante abraço. É narrar a emoção. Escrever é da natureza do conhecimento. Do aprendido que se aninha nas entranhas do ser. É da natureza do lúdico – do reino da alegria.

³⁵ *op. cit.*, p. 57.

³⁶ *op. cit.*, p. 57-58.

Escrever é sentir o uivo dos ventos que balançam os fios da nossa existência e acordam sentimentos profundos. É pura entonação do vivido. Manifestação de imagens simbólicas que reverberam em nós e atizam fogo nas muitas cinzas – as cinzas que estavam adormecidas. Húmus para a nossa alma. E para muitos. É brincar com as palavras. É tocar o outro – conversa *silenciosa e tocante*. É *revelação*. *Escrever é pura nostalgia*.

IC nos traz uma torrente de imagens, cujas ideias-força giram em torno das palavras alma, amor, memórias, espiritualidade, alegria, ligadas pelo vento, pelo húmus. As ideias-força são formadas por um grupo de palavras ou somente por uma palavra que, em consonância com o sentido total do discurso, (des)venda o que é e está subjacente, (re)velando o que é pregnante e fazendo emergir o *simbólico* (Chaves; Mori, 2023, p. 98). A palavra que se destaca nesse discurso é a alma. A alma, segundo Chevalier e Gheerbrant (2012, p. 31), traz à lembrança um poder invisível, é um “princípio de vida, de organização, de ação”. Para **IC**, escrever, então, é um sopro – um sopro de vida, na cadência do vento, atizando fogo às adormecidas cinzas. Cinzas estão ligadas à morte, portanto, se estão ligadas a ela, ligam-se ao simbolismo do *eterno retorno*³⁷. Decorrente disso, podemos inferir que o escrever é como entrar num transe de morrer-ressuscitar – e, nesse movimento, estar com o escudo de Perseu nas mãos para a salvação. Como já foi mencionado, escrever ‘salva’. Esse relato de **IC**, trabalhoso e eficaz, nos permite afirmar que se trata de um discurso lunar e solar, associado a Hermes e Apolo, trazendo uma esperança de sentido para o ato da escrita.

LD nos trouxe as seguintes frases:

Escrever é similar a construir uma ponte entre o presente e o futuro. Cada palavra que nós registramos é uma forma de perpetuar o pensamento, de criar memórias. A escrita dá corpo às mais diversas ideias e materializa o que, de outro modo, seria fluido, líquido. Ela nos permite visitar momentos, sensações e aprendizados, preservando o que somos e o que sentimos em determinados instantes. Mais do que um simples ato de comunicação, escrever é criar legados, é dar continuidade a um diálogo com o tempo, permitindo que nós possamos reencontrar tais vivências em um futuro distante.

³⁷ *op. cit.*, p. 247.

As palavras de **LD** trazem como ideias-força as palavras: ponte, presente e futuro – tempos – memórias, fluido, diálogo. A palavra que mais nos chamou a atenção foi ‘*ponte*’ – a ponte faz a integração –, e o educador, provavelmente, tem uma visão integrada sobre o ato da escrita. As palavras de Huxley (1992, p. 12) confirmam tal visão: os romanos traduziram da língua pré-latina, o oscano, o vocábulo *puntifex* (aquele que realiza sacrifícios aplacadores), traduzindo-o “em sua língua como *pontifex*, ou fazedores de pontes”. Escrever, então, é construir pontes entre tempos e narrar. Como pontua Ricoeur (2007, p. 165), seguindo a cronografia, os tempos adentram “em sistemas de notação que podem prescindir de calendário”, os episódios são delineados “por sua posição em relação aos outros – sucessão de acontecimentos únicos, bons ou ruins, de regozijo ou de aflição”. Para **LD**, escrever é deslizar, fluidamente, no aquífero semântico, e pescar palavras advindas do diálogo com a memória entre tempos. É nesse deslizar que as palavras ganham mobilidade, a passagem para o mundo do acontecer.

VE apresenta a sua definição sobre o significado de escrever assim:

Escrever para mim? É encontrar a minha própria voz no mundo e explanar essa voz quando publico. É me encontrar comigo mesma, com as minhas sombras e luzes. Quando não publico, faço diários. É um exercício difícil em ambos os casos. Não é necessariamente fluido. É de uma ‘sofrência’ normalmente. É de um cansaço, um parto, um acontecimento. Escrever para mim não é como sair pela rua para passear. É uma montanha que subo. Enfim, escrever para mim é trabalho. É estudo. É autoconhecimento. É ponte. Para encontrar o outro e a mim mesma.

VE aponta as seguintes ideias-força: luzes e sombras, fluido, ponte, montanha. E afirma que o ato de escrever põe-nos entre as nossas luzes e sombras, o que afasta a neutralidade. Também ressalta que não é fluido esse ato e é como subir uma montanha. Tal afirmação lembra-nos Sísifo, cujo objetivo “é percorrer o caminho. Trata-se de uma anuência à pulsação da vida, ao ir e vir, ao eterno retorno (Kast, 2017, p. 98). Sísifo não desiste. Para escrever, é preciso rolar a pedra repetidas vezes, delineando um caminho e, na repetição, surge a criatividade: “o rolar a pedra é uma questão de exigência, de dentro e de fora”³⁸.

³⁸ *op. cit.*, p. 104.

É rolando a pedra que podemos construir essa ponte ou construir um castelo interior, como nos lembra Teresa D'Ávila³⁹.

RM afirma que “*escrever é descobrir que não somos os desenhistas, mas os desenhados*”. Já **AO** salienta que escrever “*é reescrever, encontrando o próprio estilo, dando concretude ao pensamento, ideias e desejos, colocando a voz no mundo, para o mundo. É um exercício que não está pronto, mas está em permanente devir*”. Para **RM**, as palavras já estão armazenadas no ‘self’ e, quando as lançamos ao papel, essa nossa escrita reflete o nosso interior, somos, pois, os desenhados. E, como desenhados, como afirma **AO**, trata-se de um exercício em permanente devir.

EA traz reflexões que se embrenham pelo solar e lunar. Resume a escrita como o entrelaçar de poesia e prosa, principalmente, quando afirma que se trata de um exercício de autorregulação psíquica. É nesse exercício que advém o equilíbrio.

Para mim, escrever é, mais que tudo, um exercício de autorregulação psíquica. Escrevo para processar eventos, para nomear as emoções, para tentar compreender melhor a mim mesma, aos outros e ao mundo. A escrita é um continente para mim. Ela me fornece limites e contornos quando a realidade é por demais desafiante e dissolvente. Ela preserva a memória do que foi vivido e aprendido. Ela me ajuda a manter um diálogo contínuo com o inconsciente, por meio do registro dos sonhos. Escrevo para me manter viva e consciente de quem sou e dos valores que defendo.

A ideia-força que se destaca é a palavra ‘continente’, cujo significado simbólico pode nos remeter a experiências vividas, “simboliza um mundo de representação, de paixões, de desejos” e também pode simbolizar “a volta ao sagrado, o caminho da unicidade portadora da mensagem do verdadeiro e do real” (Chevalier; Gheerbrant, 2012, p. 274). Escrever, para **EA**, preserva a memória e faz circular o diálogo entre consciente e inconsciente. Escrever (re)vela, portanto. Ademais, a escrita, para ela, é um escudo de proteção para a defesa de valores, o que a mantém viva e consciente.

WP apresenta, inicialmente, três palavras: sério, perigoso e prazeroso.

Escrever é muito sério, perigoso e prazeroso.

³⁹ D'ÁVILA, Teresa. *Castelo interior ou moradas*. 19. ed. São Paulo: Paulus, 2014.

É derrubar a alma em letras e fazer das letras cúmplices dos mais variados entendimentos. Enfim, é correr risco!

Vem-nos à mente as palavras de Lispector (1999, p. 15), quando **WP** afirma que tem medo de escrever: “é tão perigoso. Quem tentou, sabe. Perigo de mexer no que está oculto – e o mundo não está à tona, está oculto em suas raízes submersas em profundidades do mar”. Aliás, como menciona Tokarczuk (2023), a escrita torna público o que é privado – advém daí o perigo. Com uma bela imagem, **WP** afirma: “*é derrubar a alma em letras e fazer das letras cúmplices dos mais variados entendimentos*”. Há uma cumplicidade entre a escrita e a alma de quem escreve – (re)vela. Somos o escrito. É um risco – mesmo cientes de correr o risco, escrevemos. É impulso vital.

LC esparramou um turbilhão de imagens, cujas ideias-força giram em torno de desejo, prazer, comunicação, esperanças, grito, silêncio, agente e paciente, entre outras.

A escrita significa a tessitura de referências em estado de encontro, encontro comigo, encontro com o outro. O texto é o palco das palavras que se engalfinham, deslizam, namoram. Forma e Conteúdo, indissociáveis, para mim, formam uma só carne linguística de esperanças, dores, conhecimentos achados, refutados, perseguidos, sonhados. Escrever para mim é desejo, prazer, comunicação, fruição. Cresci entendendo que o texto é festa da palavra, terapia da palavra, grito da palavra. Um bom texto estabelece a emoção da corporeidade da voz, que é grito, mas também é silêncio. Um bom texto é “apaixonamento”, é enamoramento, é provocação dos sentidos. Sigo tentando desejar e ser desejada pelo texto (para parodiar Roland Barthes em “O Prazer do Texto”), arrebatada pela escrita, agente e paciente, no mundo iluminado e dançante das Letras.

Do turbilhão de imagens, destacamos como ideias-força duas palavras do texto: grito e silêncio. O grito possui o valor de protesto, é, pois, político. Pode também, quando associado a Deméter e Dioniso, ser “a expressão da fecundidade, do amor, da vida: simboliza toda a alegria de existir. A primeira entrada de ar nos pulmões do recém-nascido se manifesta por um grito [...] o grito salva ou aniquila (Chevalier; Gheerbrant, 2012, p. 479). Escrever, realmente, salva, como já mencionado. Quanto ao silêncio, esses autores⁴⁰ afirmam que “é o prelúdio de abertura à revelação” e que este, “uma passagem”, envolve os grandes acontecimentos, oferece grandeza e majestade, é uma

⁴⁰ *op. cit.*, p. 833-834.

cerimônia. O silêncio abre passagens, caminhos, tem as bênçãos de Hermes. Para **LC**, escrever é adentrar arrebatadamente num vórtice – ser agente e paciente –, dançando ao som de um finíssimo *Stradivarius* entre os vocábulos.

MM afirmou que:

escrever é desnudar a alma. É deixar transbordar os excessos. É afrouxar os nós. É revelar segredos acolhidos e guardados em recantos tênues e quase invisíveis – até para nós mesmos. É tatuar de forma indelével o que fomos, o que somos e ainda seremos. É o nosso olhar assimétrico e singular.

Destacam-se as seguintes ideias-força no discurso de **MM**: alma, recantos, tatuar, assimétrico, singular. A alma evoca o invisível, como mencionado anteriormente. A imagem do recanto, local menos à vista ou mais afastado, nos lembra as palavras de Bachelard (1993, p. 146): “o canto é um refúgio que nos assegura um primeiro valor do ser: a imobilidade. Ele é o local seguro”. Entretanto, salienta⁴¹ que se trata de “uma espécie de meia-caixa, metade paredes, metade porta. Será uma ilustração para a dialética do interior e do exterior [...] A imobilidade irradia-se”. Cabe lembrar que se é uma meia-caixa em que metade é parede e metade é porta, está presente Hermes. Daí, a mobilidade: *Hermes passa* – irradia-se. O tatuar, o escrito, é símbolo de identificação e essa identificação “encerra também um sentido de dom (Chevalier; Gheerbrant, 2012, p. 871). No que se refere ao assimétrico – desigual – e ao singular, dançam os contrários uma dança lenta. Escrever, então, é deslocar-se suavemente entre o diverso e o distinto.

RA também se referiu à palavra ponte, construir pontes entre o leitor e o escritor, e trouxe a palavra como ideia-força.

Escrever é construir mundos e pontes. Quando escrevo ficção, construo mundos que se tornam reais à medida que meus leitores se apropriam das histórias que imagino. Mundos que deixam de ser só meus, que se multiplicam pelos diferentes olhares que os contemplam. Quando escrevo não ficção, construo pontes que conectam pessoas a outras pessoas, pessoas a novos conhecimentos, a novas experiências, a novas possibilidades de conhecerem a si e aos outros. Pontes que unem a ficção e a não ficção. Pontes que eu também faço questão de atravessar para chegar até aqueles mundos que já não são só meus e que aprendo novamente a reconhecer.

⁴¹ *op. cit.*, p. 146.

A ponte, segundo Chevalier e Gheerbrant (2012, p. 729), é uma passagem que permite atravessar de uma margem à outra. Como mencionado anteriormente, a palavra vem de origem latina, *pontifex*, e o pontífice é, ao mesmo tempo, o construtor e a própria ponte⁴². Esses autores⁴³ sinalizam que “a ponte simboliza uma transição entre dois estados interiores, entre dois desejos em conflito” e que pode indicar o resultado de uma situação conflituosa. Assim, escrever é atravessar, inferimos. Não ultrapassar a ponte é não escrever.

Breves anotações – um intervalo na prosa

Escrever é uma pedra lançada no fundo do poço (LISPECTOR, 1999, p. 15)

O que havia de ser escrito foi lançado. Cabe ao leitor navegar por esses mares e (des)vendar os mistérios e descortinar os véus que envolvem o escrito. Escrever é construir pontes, é deixar fluir o pensamento do coração e da razão, é coisa de alma, é da *anima mundi*, é da autorregulação psíquica, é do transitar pelo poético e pelo prosaico, é perigoso, é sério, é prazeroso, é político, é um impulso histórico, é fruto da solidão, é puro egoísmo, é transitar entre gritos e silêncios – às vezes, sussurros –, e é uma das maneiras que o sujeito pode se manifestar como educado para o mundo, educado para o viver, mesmo em face das intempéries do existir. Escrever é essa pedra lançada no fundo do poço e trazida à tona num trabalho de Sísifo para a saída desse poço. O escrito amalgama o ‘eu’ com o ‘tu’.

E para fazer um ponto quase final nessas (re)flexões sobre o tema, seguem as palavras de Clarice Lispector (1999, p. 16-17 – *grifos da autora*) em *Água viva*:

“Escrever” existe por si mesmo? Não. É apenas o reflexo de uma coisa que pergunta. Eu trabalho com o inesperado. Escrevo como escreve sem saber como e por quê – é por fatalidade de voz. O meu timbre sou eu. Escrever é uma indagação. [...] Em cada palavra pulsa um coração. Escrever é tal procura de íntima veracidade de vida.

⁴² *op. cit.*, p. 719.

⁴³ *op. cit.*, p. 719.

Os mundos em que se inserem a escrita é vasto. Vasto mundo em que um coração sempre pulsa ao derramar palavras. Vasto mundo em que explodem as indagações. Mistério. Vórtice. Gritos. Silêncio. Sussurros. Ponte. Salvação.

Referências

AGUALUSA, José Eduardo. **Crianças escondidas**. O Globo – Caderno B, Rio de Janeiro, 9 dez. 2023.

ALVES, Rubem. **O amor que acende a lua**. Campinas: Papyrus, 1999.

_____. **Entre a ciência e a sapiência**: o dilema da educação. São Paulo, 2001.

ANDRESEN, Sophia M. Breyner. **Obra poética**. Porto: Assírio & Alvim, 2018.

BACHELARD, G. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2013.

_____. **A poética do espaço**: São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BILAC, Olavo. **Poesias**. 27. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1961.

BOHADANA, Estrella. **Sobre deuses e poetas**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2004.

BORELLI, Olga. **Clarice Lispector**: esboço para um possível retrato. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

BUBER, Martin. **Eu e tu**. 6. ed. São Paulo: Centauro, 2003.

CHARDIN, Teilhard. **O fenômeno humano**. São Paulo: Cultrix, 2001.

CHAVES, Iduína; MORI, Marcio. Dois autores multidimensionais: Florestan Fernandes em conexão com o paradigma da complexidade de Edgar Morin. *In*: CARNEIRO, Waldeck; MORAES, Viviane Merlim. **Ensaio sobre Florestan Fernandes**: sociólogo, político e defensor da escola pública. Niterói: Nitpress, 2023.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**: mitos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 26. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

CIRLOT, Juan-Eduardo. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Ed. Moraes, 1984.

D'ÁVILA, Teresa. **Castelo interior ou moradas**. 19. ed. São Paulo: Paulus, 2014.

- DURAS, Marguerite. **Escrever**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- GRAVES, Robert. **Os mitos gregos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
- HUXLEY, A. **A situação humana**. São Paulo: Globo, 1992.
- KAST, Verena. **Sísifo**. São Paulo: Cultrix, 2017.
- LISPECTOR, Clarice. **As palavras**. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.
- _____. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MARQUES, Marcio Mori; CHAVES, Iduína Mont'Alverne Braun. **Memórias, narrativas, Educação e Imaginário**: fragmentos para um vitral. São Carlos: Pedro & João Ed., 2024.
- MEIRELES, Cecília. **Poesia completa**. v. 1. São Paulo: Global, 2017.
- MONTERO, Rosa. **A ridícula ideia de nunca mais te ver**. São Paulo: Todavia, 2019.
- MORI, Marcio. A flor do Lácio, as estrelas e o diálogo. *In*: VALLE, Camila do; MARQUES, Christiano; MORI, Marcio. **Português Instrumental**. v. 1. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2009.
- _____. MORI, Marcio. Lendo, compreendendo e produzindo. *In*: MORI, Marcio; MOUTINHO, Lucia; ORRICO, Evelyn. **Português Instrumental**. v. 2. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2013.
- _____. MORI, Marcio. *In*: MORI, Marcio; MOUTINHO, Lucia; ORRICO, Evelyn. **Português Instrumental**. v. 2. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2013.
- MORIN, Edgar. **Amor, poesia e sabedoria**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- _____. **O método 5**: a humanidade da humanidade. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- _____. **Sobre a estética**. Rio de Janeiro: Pró-saber, 2017.
- PIÑON, Néida. **Uma lágrima furtiva**. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**: a intriga e a narrativa histórica. v. 1. São Paulo: Ed. Wmf Martins Fontes, 2010.
- _____. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp. 2007.
- ROGERS, Carl. **Liberdade para aprender**. Belo Horizonte: Interlivros, 1977.

SANT'ANNA, Affonso Romano. **A cegueira e o saber**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

SKLIAR, Carlos. **Desobedecer à linguagem: educar**. Belo Horizonte: Autêntica Ed., 2014.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e pensamento entre os gregos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.